

ANTROPOLOGÍA DEL CUERPO

Revista del Grupo Internacional de Investigación de Antropología del Cuerpo

“NÃO TENHO MAIS CORPO” Sobre envelhecimento, beleza e moda

“I DON’T HAVE A BODY ANYMORE”: About aging, beauty and fashion

Aline Rochedo¹

RESUMO

Este artigo entrelaça relações entre corpo, cultura, moda e subjetividade, problematizando noções de “presença” e “ausência” de um corpo feminino que se constrói e se reconstrói num processo de envelhecimento. Guiada por Mauss (2003), Goldenberg (2007 e 2011) e Hay (2010), entre outros teóricos, a autora baseia suas ponderações em dinâmicas envolvendo uma octogenária do sul do Brasil e um vestido de mais de 40 anos, objeto entendido como lugar de acontecimentos e elaboração identitária. Exploram-se expectativas individuais e sociais para manutenção de formas jovens e contornos esbeltos, com níveis de exigência mais altos para mulheres.

PALAVRAS-CHAVE: Antropologia. Beleza. Corpo. Envelhecimento. Moda.

ABSTRACT

This paper entwines relationships involving body, culture, fashion and subjectivity enquiring notions of “presence” and “absence” of a female body that is built and rebuilt during an aging process. Guided by Mauss (2003), Goldenberg (2007 e 2011) and Hay (2010), among other theorists, the author underpins her considerations in dynamics involving an octogenarian

¹ Aline Lopes Rochedo é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS-UFRGS), mestra em Antropologia Social (PPGAS-UFRGS) e bacharela em Comunicação Social/Jornalismo pela Faculdade dos Meios de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Famecos-PUCRS). Como pesquisadora, atua no Núcleo de Antropologia Visual (Navisual-UFRGS) e no grupo História da Arte e Cultura de Moda (Instituto de Artes-UFRGS). E-mail: alinerochedo@gmail.com

from South of Brazil and a more than 40-years-old dress, being the artifact understood as a site of events and identity production. It is explored individual and social expectations toward maintenance of young shapes and slim, with higher levels of demands for women.

KEYWORDS: Anthropology. Beauty. Body. Aging. Fashion.

1. INTRODUÇÃO

“Não tenho mais corpo.” Assim a senhora Heloisa Brenner justificou a escolha de um vestido longo e reto, sem marcadores de busto nem cintura, com decote rente ao pescoço e mangas compridas que guardava havia quatro décadas para, adornada por ele, comparecer à sua festa de 80 anos de vida, em 2011 (Figura 1). Na sala de sua residência, em Porto Alegre, no sul do Brasil, folhando o álbum de fotografias da comemoração, minha interlocutora se delongou diante do registro no qual, posicionada na entrada do salão de um clube, recepcionava os convidados. Estava junto a um retrato emoldurado, imagem em que ela aparece usando a mesma roupa, em 1971, aos 40 anos. Por que levar o retrato para a porta do clube, eu lhe perguntei. E ela respondeu: “Fiz questão!”.



Figura 1: Heloisa, o vestido e o retrato
Fonte: Acervo de Heloisa Brenner.

O parágrafo acima recupera meu primeiro encontro com Heloisa, em 2013, quando

iniciava uma pesquisa etnográfica sobre a biografia cultural (Kopytoff, 2008) de um vestido, e a roupa biografada era justamente a usada por minha anfitriã em 1971 e 2011, aos 40 e 80 anos. A ideia de comemorar o octogésimo aniversário, aliás, fora do marido e de seus filhos. Heloisa aceitou com a condição de usar uma roupa guardada no próprio acervo. “Não tem sentido uma pessoa, na minha idade, fazer um vestido de festa novo.”

O figurino escolhido foi o vestido tricolor assinado pelo estilista Rui Spohr² e comprado após um desfile de outono-inverno, naquele início dos anos 1970. Heloisa fora ao evento de moda, no principal ateliê de luxo de Porto Alegre, em busca de “algo colorido”, “de festa” e “de inverno”, pois embarcaria dali a alguns dias para o Rio de Janeiro acompanhando o primeiro marido, participante de um congresso de psicanálise num clube náutico. “Não era pouca coisa”, disse-me ela, lembrando a viagem à capital fluminense. Logo, sua indumentária também não poderia ser “pouca coisa”, e Heloisa buscou uma roupa assinada pelo costureiro da então primeira-dama, Scylla Médici.

Sentada na primeira fila do desfile, os olhos da senhora Pinto Ribeiro – como ela era conhecida pelas colunas sociais – acompanharam atentos à passagem da manequim com a placa 107, que portava o longo verde, vermelho e preto. “Quando vi o vestido, eu me apaixonei. Fiz sinal para o Rui: ‘Esse é meu!’”, disse Heloisa. Peça única que era, o traje não poderia ser reproduzido – não naquele ateliê –, precisando ser ajustado ao corpo da compradora, o que era possível na maioria dos casos porque havia sobras internas de tecido, algo comum no universo da alta-costura. Como as medidas das moças selecionadas para os desfiles correspondiam aos números 40 e 42, o ajuste à silhueta de Heloisa foi pouco trabalhoso. “Naquela época, eu vestia 42”, contou-me. Perguntei-lhe como sabia que o vestido lhe cairia tão bem antes de tê-lo provado, e ela me respondeu, séria: “Minha filha, em corpo 42, tudo fica bem”.

Dos 40 para os 80 anos de vida, os contornos de Heloisa se modificaram. Entretanto, as formas do vestido – guardado com esmero pela proprietária numa capa de tecido fornecida pelo estilista – permaneceram. Ao experimentá-lo para o octogésimo aniversário, Heloisa sentiu quadris e busto apertados. Ademais, a barra estava longa, e ela pretendia calçar

²Nascido Flávio Spohr, em Novo Hamburgo (RS), em 1929, o estilista Rui é considerado o primeiro profissional de moda brasileiro a cursar alta-costura em Paris. Estudou nas escolas preparatórias da Câmara Sindical de Costura Parisiense entre 1952 e 1955, retornando ao Estado para instalar seu ateliê na capital (Hernández Alfonso; Pollini, 2012:49). Hoje, ele já não detém mais o prestígio como principal autoridade de moda de luxo no sul do país – status que gozou entre as décadas de 1960 e 1980, quando também atuava em veículos de comunicação –, mas segue sendo referência de bom gosto e estilo entre mulheres que estão sob a égide da tradição.

sapatilhas anatômicas, pois abandonou o salto alto desde que, há uma década, sofreu uma queda num elevador, acidente que lhe rendeu próteses, além do acompanhamento constante de bengala para locomoção. Solicitou a uma costureira “de confiança” que fizesse as modificações, alargando a roupa para o equivalente a manequim 44. “Por isto, fiz questão de expor o retrato.”

Neste resumo do encontro de minha interlocutora com seu vestido – relação que faz parte da pesquisa de minha dissertação de mestrado em Antropologia Social³ –, problematizo corpos e roupas como expressões de ciclos de vida, pois carregam sentidos, mantêm relação íntima com os sujeitos e interligam mundos biológicos, culturais e sociais. Mauss (2003), por exemplo, afirma que o corpo não é “natural”, mas construído a partir de elementos inscritos e presentes nas experiências de vidas. Maneiras de andar, agir, erguer a cabeça, falar, olhar, tudo isso faz parte do que o sociólogo chamou de *técnicas do corpo*, incorporadas juntamente com as diferenças de gênero, diferenças estas igualmente criadas socialmente.

Portanto, ao pensarmos e sentirmos os corpos em e/ou através de elementos do vestuário, podemos pensar e sentir elementos do vestuário em e/ou através dos corpos. Se acrescentarmos a variável tempo, ou melhor, a passagem do tempo, nem corpos nem roupas têm vida eterna. Às vezes, os objetos sobrevivem aos proprietários ou portadores, contendo características e marcas daqueles que um dia acolheram e por quem foram acolhidos. Como escreveu Stallybrass (2012:10-11):

Ao pensar nas roupas como modas passageiras, nós expressamos apenas uma meia-verdade. Os corpos vêm e vão: as roupas que recebem esses corpos sobrevivem. Elas circulam através de lojas de roupas usadas, de brechós e de bazares de caridade. Ou são passadas de pai para filho, de irmão para irmã, de irmão para irmão, de amante para amante, de amigo para amigo.

As marcas e as propriedades contidas nos corpos vestidos pelas roupas – e que também ganham novas formas, são reconstruídas, modificadas, escondidas ou exaltadas pelas vestes – não são “naturais”, mas culturalmente construídas, impressas, incorporadas e transformadas numa tensão constante entre os corpos físico e social (Douglas, 1978). Senso de beleza, gostos, repulsas, estruturas estruturadas e estruturantes, predisposições para, ensina-nos Bourdieu (2008), estão condensadas no conceito de *habitus*, noção essencial para a compreensão da ideia de *embodiment* proposta por Csordas (2008), para quem o corpo é fonte

³ Defendi a dissertação *Do Croqui à Academia: a biografia cultural de um vestido* em maio de 2015, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS), na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

da existência e *locus* da experiência, portanto, ponto de partida para a produção de conhecimento acerca da cultura e do sujeito – cultura entendida como corporificada.

2. DESENVOLVIMENTO

O objetivo deste breve trabalho é refletir sobre “presença” e “ausência” de um corpo feminino que se constrói e se reconstrói num processo de envelhecimento e sobrepõe camadas de vivências e experiências atravessadas pelas relações com um vestido – este também entendido como um lugar de acontecimentos. Um corpo socialmente informado (Bourdieu *apud* Csordas, 2008), pensado e sentido como processo, com marcas, memórias, constrangimentos e estratégias. Um corpo ora visível, ora invisível, ora adjetivado, ora subentendido no bojo de uma concepção hegemônica, mas não homogênea, de corpo meritocrático, digno de admiração, sobretudo por critérios que correspondem a um determinado ideal de beleza.

Penso a partir do corpo vivido e sentido por Heloisa, única mulher entre quatro irmãos, nascida em 1931 na cidade de Pelotas, na porção meridional do país, filha de engenheiro agrônomo, neta de estancieiros e de um médico estudado na França, viúva de um cirurgião e professor universitário – e ex-mulher de um já falecido psicanalista, que também pertencera ao *corpo* docente de uma faculdade de Medicina – e mãe de quatro homens. Viúva, mãe, avó e “bisa”, é exultada em seu círculo de relações pela elegância, pela simpatia, pelo gosto refinado e pelos atributos físicos, propriedades sublinhadas em colunas sociais de jornais. O que não aparece nem em fotos, tampouco nas colunas sociais, são as dores, as queixas e o esforço para se mostrar produtiva, bela, digna de admiração alheia, imposições sociais intensificadas pelas exigências de seu estrato social.

Insisto em alinhar minhas percepções no vestido tricolor pelo fato de ele ter sido um interlocutor privilegiado e mediador das minhas relações costuradas no campo ao longo do percurso da pesquisa. Não é qualquer vestido, não é “pouca coisa” – é uma roupa que também arrisco pensar como *socialmente informada*, singular, com trajetos controlados e cuja trajetória atende sob medida a objetivos políticos, distintivos. Comprada, usada e guardada por Heloisa quando ela tinha 40 anos, foi esta vestimenta que a adornou no jantar oferecido a familiares e amigos nos 80 anos.

Em termos metodológicos, a execução do presente trabalho etnográfico foi realizada com técnicas de pesquisa qualitativas, como conversas informais, observação participante,

diários de campo, observação direta e investigação em acervos de meus interlocutores. Para construir as reflexões, considere profícuo retornar não apenas às minhas anotações, como à própria Heloisa, com quem retomei e discuti sua afirmação “Não tenho mais corpo”, sentença que guia esta análise.

Ademais, recorri à internet em busca de sites para refletir acerca do corpo jovem, do corpo como capital, de “mulheres-ícones” de beleza para pensar sobre o uso demorado de *photoshop*, assim como os apelos para vendas de produtos que prometem prolongar a juventude e manter ou conquistar a silhueta enxuta, e é esta a questão que discuto na porção final do artigo, uma vez que a considero diretamente ligada aos sentidos dados por Heloisa ao seu corpo e à necessidade de aparecer bela, elegante e garbosa, disfarçando dores e marcas do tempo.

Como já conheço Heloisa desde 2013, sei que ela não se deixa gravar – nem voz, tampouco imagem. Mas não se importa de falar comigo. Conversa, conta, colabora. Aos 85 anos, Heloisa fala com desenvoltura sobre sua vida e raramente desconversa. Em geral, acrescenta novos dados a cada encontro. Utilizei fotografias do acervo da própria entrevistada – antigas e recentes – e explicito os usos e as relações que pretendia estabelecer e considerar em meu texto.

“Não tenho mais corpo”. Por isso Heloisa escolheu celebrar 80 anos num longo de mangas compridas, sem decotes nem marcadores de cintura e busto. Como assim? O que minha interlocutora queria dizer com isso? Que corpo era aquele ao meu lado? Como era possível pensar num corpo que estava lá ao mesmo tempo em que não existia – pelo menos para Heloisa? O que significa *ter um corpo* para mulheres de elites quando estas atingem a velhice? Quais as propriedades atribuídas ao corpo feminino para que ele ainda exista após a juventude? Em que sentido esse corpo deixa de existir? Que narrativas emergem sobre um corpo no reencontro com uma peça de roupa?

Pois foi em setembro de 2012 que me aproximei de Heloisa atraída por seu rosto. Ou pelo sorriso. Talvez pelo olhar... Enfim, aproximei-me de um retrato preto e branco seu que avistei no ateliê do estilista Rui. Forma de aproximação esta que não costuma ser estranha a alguém como eu, apresentada ao mundo dentro da lógica ocidental, ou euro-americana, de reconhecimento de indivíduos como seres dotados de características únicas, distintivas e autônomas, expressadas por traços faciais e nomes. (Figura 2)



Figura 2: O retrato no ateliê.
Fonte: Rochedo (2012).

A antropóloga Strathern (1999) expôs com propriedade essa questão ao refletir sobre convenções distintas daquelas comumente encontradas em sociedades do chamado Ocidente para representar individualidade. E a individualidade de Heloisa, para mim, começou a se revelar por um retrato, aquele do seu rosto, do seu nome – e sobrenomes, de 1971 e 2011. No entanto, foi aquela imagem que instigou minha curiosidade sobre ela. Questionada por mim sobre “aquela mulher”, a responsável pelo acervo, a senhora Gládis Cohen, resumiu as quatro décadas que se passaram entre a compra da roupa, quando Heloisa tinha 40 anos, e o reencontro da peça com o corpo da proprietária – e com as colunas sociais – em 2011. (Figura 3)



Figura 3: Coluna social de Paulo Gasparotto⁴
Fonte: Gasparotto (2011, site).

Atentando para a coluna social que noticiou a festa de Heloisa, vemos o vestido e o sorriso da aniversariante em cores. Não avistamos a bengala que ela usa para se locomover há uma década em função de próteses no quadril e em um dos joelhos. Do registro no jornal, não somos capazes de inferir que a dona da roupa reage com esforço às dores da artrose, doença agravada nos últimos anos e que piora no inverno por causa do frio e da umidade. Vemos na fotografia uma Heloisa sorridente, trajando “garbosamente” o mesmo vestido dos 40 anos. Invisíveis nas fotografias, porém, estão dores, limitações. Em nossos encontros, Heloisa mostrou-me, várias vezes, as duas mãos de unhas benfeitas: “Olha minhas juntas, como estão feias”.

Juntas inchadas são “de família”, diz ela, reproduzindo em nossos encontros explicações fiéis a modelos biológicos (Scheper-Hughes; Lock, 1987) que lhes foram transmitidas e aprendidas no universo médico no qual orbita como paciente, filha, viúva, mãe, avó e amiga. Uma transformação corporal esperada, que corresponde ao seu repertório de sentidos, mas que desorganiza ao senso de beleza corporificado e cultivado por anos de prática de exercícios físicos, como natação e esqui aquático, e cuidados com alimentação, modos de vestir e agir. Heloisa diz que, muitas vezes, percebe-se aprisionada num corpo por ela adjetivado como “velho”. “Eu sempre fui magra, tive um corpo bonito. Minha cintura era bem fina. Eu não precisava de espartilho”, repetia ao falar sobre um vestido comprado pela

⁴ Paulo Gasparotto é colunista social em Porto Alegre desde a década de 1960, com passagem por diferentes jornais e revistas. (Gasparotto, 2011).

avó materna em Paris na primeira década do século XX, uma roupa que ela herdou justamente pela circunferência da cintura.

Sufrimento, dor e frustração vieram à tona nas nossas conversas em sua residência e pelo telefone ou em coquetéis em que nos encontramos durante a pesquisa de mestrado, entre 2013 e 2015. Minha interlocutora, no entanto, não se estende nas reclamações sobre o corpo de forma contínua. São lamentos que vêm e vão, geralmente intercalados com causos, recordações, risadas e xícaras de chá. “Sou contra depressão. Minha avó era diferente, vestia preto. Eu sou das cores vivas, alegres”. De fato, Heloisa é do vermelho e do verde, dos acessórios vistosos, do batom forte. “Nunca vesti luto. Preto só uso em detalhes.”

Aos 85 anos, a dona do vestido tricolor dirige seu automóvel adaptado – o departamento de trânsito tentou cancelar a carteira de motorista, mas Heloisa reverteu o quadro ao conseguir atestados com três médicos – e usa a vaga para idosos ou deficientes quando precisa estacionar. “Outro dia, no supermercado, recebi um elogio de uma senhora, que me viu descer [do carro] com a bengala. Ela me deu parabéns”, contou certa vez, ciente de que a dificuldade para locomoção é explícita, visível. Aliás, esta é uma das razões pelas quais não gosta de ser filmada, para que não seja lembrada pelo caminhar desalinhado. “Não tenho quem faça as minhas coisas por mim. Sou muito independente”. E é “produtiva”. Estuda inglês e francês semanalmente, além de cumprir o programa de exercícios com uma fisioterapeuta “que estudou na Alemanha”. Solicitada por conhecidos e familiares, organiza festas e jantares e ajuda na decoração de ambientes, atividade profissional por ela exercida ao longo de quase três décadas, durante o segundo casamento. Parou por insistência do marido, falecido em 2012. “Ele se aposentou e quis que eu ficasse mais por perto”, explicou-me. Informalmente, participa de bom grado da instalação de obras de arte em residências de amigos. “Vou e penduro os quadros”, gaba-se. Na verdade, determina o que vai aonde, e “uma pessoa de confiança” faz o serviço. Heloisa “manda”, os demais obedecem.

No verão de 2015, voltando para a casa de uma amiga após o banho de mar, numa praia do litoral norte do Rio Grande do Sul, resolveu se antecipar ao auxílio para “baixar” da caminhonete. Enroscou-se com a bengala, que fincou numa das pernas e abriu um ferimento. Foram quase dois meses “de cama”:

Meu filho médico me proibiu de voltar à areia. Então fiquei na casa da minha amiga, que é praticamente um spa de luxo. À tardinha, as empregadas me traziam gin tônica. Bebi muita gin tônica, até mais do que eu precisava. E lia tijolões [livros “grossos”]. Foi ótimo. Ar-condicionado, gin tônica e livros, como num spa de luxo.

Em nossa sociedade, cultuam-se não apenas o individualismo e o sucesso pessoal e profissional como também se valorizam a saúde e as formas delgadas, firmes e “fortes”,

igualmente enquadradas em valores de autonomia, competitividade, juventude e autocontrole. Somos cobradas por isso e nos cobramos – e, não raras vezes, julgamo-nos culpadas pela incapacidade de sermos belas e jovens para sempre, buscando corpos falsamente alardeados como representantes do “padrão”, como “o ideal”. Minha ênfase no gênero feminino, aliás, pontua que as cobranças não se dão da mesma forma para homens e mulheres, como observa Goldenberg (2007, 2011), quando pensa o corpo como um capital, um valor.

E trago a história de vida de Heloisa para falar sobre corpos velhos, sobretudo femininos e de nossas elites, também cobrados para espelhar sucesso pessoal, sucesso moral, com a superioridade e a capacidade de saber se cuidar. Heloisa cumpriu o programa – nadou, caminhou, se exercitou. Mas “falhou” ao não perceber, certo dia, o desnível do elevador. Calculou mal o passo, caiu, foi para o hospital. E foi acometida pela artrose. Nas fotos de 1971 e 2011, mostra-se garbosa, com a silhueta enxuta. Ao vivo, na sala do apartamento onde reside sozinha desde a morte do marido, em 2012, ela intercala queixas sobre dores e limitações com seus feitos e conquistas. Em seguida, acariciando a bengala apoiada na poltrona, comenta: “Sou muito independente”.

Enquanto refletia sobre as falas de Heloisa, deparei-me com o trabalho da antropóloga Hay (2010), que forjou um modelo cultural de produtividade e agência que denominou *John Wayne Model*, atendendo tanto a mulheres quanto a homens. *Grosso modo*, tem a ver com estratégias para a superação ou enfrentamento de doenças crônicas e autoimunes, como lúpus, artrite e artrose, em uma sociedade pautada pela ideia de meritocracia. A partir de narrativas distintas, a autora identifica pessoas que convivem com múltiplas formas de sofrimento ligadas às suas condições, analisando suas agências diante do empenho para serem consideradas “heroicas” – sobretudo quando as doenças são percebidas pelos demais sujeitos ao redor. Também se debruça sobre o sofrimento daqueles que não se adequam ao modelo de produtividade – e a situação piora quando a doença não é “visível”, mas “apenas” sentida pelo portador, o que, aos poucos, torna o sujeito invisível – e as dificuldades da dependência de outras pessoas. Enfim, a vida ativa, mesmo com dor, é recompensada, legitimada, valorizada, e a busca por reconhecimento constante silencia “perdedores”, sufoca e gera sofrimento social.

Parece-me profícuo pensar a história de Heloisa a partir da abordagem de Hay quanto a expectativas culturais de produtividade. Só acrescentaria o fato de que, no caso das mulheres de camadas médias e altas numa sociedade como a brasileira, assim como a americana, em que existe cobrança demasiada pela beleza, parece haver elementos

complementares. Como pontuou Goldenberg (2007), há uma tendência no Brasil a valorizar mulheres por atributos físicos, e estas se mobilizam por um conjunto de atividades que as ajudam a retardar o envelhecimento e o prolongamento do corpo firme, jovem, esbelto, forte e belo. O corpo é, portanto, um poderoso capital em diferentes campos, e o “ideal” é o de aparência juvenil. Diz Moraes (2011:439):

Há sempre uma disputa acerca dos valores e sentidos sobre o corpo e seu uso, em que estão em jogo classificações sociais, posições de prestígio e a produção de acusações. O corpo velho é atravessado por esse jogo de classificações e posições de status. A mídia, a medicina, as políticas públicas são configurações dos corpos. Os agentes sociais participam diretamente desse processo, selecionando as imagens e os discursos que tratam do envelhecimento corporal e refletindo sobre eles.

Por isso, sugiro um modelo complementar para pensarmos o caso de Heloisa, e de outras mulheres que sofrem do mesmo tipo de cobrança – dos outros e de si mesmas – e de angústias no processo de envelhecimento, este também entendido como uma construção histórica, produção social associada a poder e prestígio e marcada por disputas. Sugiro, provisoriamente, que esse modelo se chame *Jane Fonda*. Recorri ao nome da atriz norte-americana ao me deparar durante esta pesquisa com uma entrevista concedida por ela recentemente à revista *W*. (Figura 4)



Figura 4: A revista e o *photoshop*
Fonte: Reprodução.

A publicação focada em celebridades, moda, arte, festas e beleza destaca o fato de, aos 77 anos, Jane Fonda ser a mulher mais velha a figurar numa de suas capas, a da edição de junho/julho deste ano. Não sem *photoshop*, apesar da exaltação das rugas e das marcas do tempo, invisíveis na imagem, mas presentes nas falas, nas perguntas e nas respostas. É a valorização do “envelhecer bem”, e que também provoca uma espécie de sofrimento na medida em que realça a separação de mente e corpo – a cabeça está boa, já o corpo...

Jane Fonda indexa as qualidades do corpo esportivo, da postura ereta, do sorriso feliz, do sucesso, do prestígio, da elegância e da admiração. E expectativas colocadas sobre mulheres que figuram em colunas sociais, capas de revistas ou cruzam tapetes vermelhos mundo afora incluem a beleza correspondente a uma ideia eurocêntrica de moda, como bem pontua Goldenberg (2007, 2011). Precisam ser magras, sorridentes, com posses femininas, controladas, que informem o conjunto de valores esperados. O corpo aparentemente jovem é, portanto, um capital. Se esse corpo não pode ser revelado em decotes que evidenciem marcas do tempo, a roupa “certa” tem protagonismo. Corpo biológico, juntamente com a roupa, condensa e expressa os valores do corpo social.

Adotar o modelo Jane Fonda pode significar aprovação social em determinados grupos. Nas colunas sociais, em fotografia, parece bem-sucedido, pois fica a imagem de mulher ativa e vistosa – e a roupa a “valoriza”. Apesar de cobrada para ser garbosa, Heloisa vive com sua dor. Suas estratégias são informadas pela expectativa cultural da produtividade e pela da beleza, da boa aparência, da altivez do grupo social ao qual pertence e que, de alguma forma, ajuda a manter a distinção de classe e a reforçar a diferença do corpo nobre do corpo comum, do corpo certo do corpo errado, de quem se cuidou e de quem não se cuidou, o que acarreta e implica julgamento moral. A doença e as próteses não aparecem nas fotos, mas estão lá.

Quando Heloisa diz não ter mais corpo, portanto, ela afirma não ter mais o corpo com características juvenis. “O CORPO” dispensa adjetivos – existe ou não existe. “O CORPO” é subentendido como adequado para estar à mostra, para ser exposto, porque é firme, cultivado, saudável, atende às exigências eurocêtricas da beleza. É longilíneo, é magro e reforça o índice de papéis de gênero e os estereótipos de superioridade moral e distinção social – uma perspectiva perversa em relação ao corpo gordo ou obeso, este adjetivado com ênfase. “O CORPO”, em alguns contextos, é riqueza decisiva. Quanto maior for o ideal individualista, maior será a exigência de adequação aos modelos sociais definidos e controlados pela coerção

estética incorporada e paradoxal na medida em que o envelhecimento é inevitável – a não ser quando a vida é interrompida precocemente por diferentes motivos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, reuni alguns elementos de minha pesquisa de mestrado para iniciar reflexões acerca do corpo, ao qual Mauss (2003) chamou de primeira ferramenta humana. E encerro minha escrita com este sociólogo não apenas por seu pioneirismo na atenção ao tema, mas por ele ter levantado questões cruciais para a investigação social. Conforme o contexto histórico, nem o corpo típico/padrão/desejado é o mesmo – há corpos *na moda* e há corpos *fora de moda*, há corpos certos e há corpos errados, cobrança que se impõe com maior rigor sobre as mulheres. A relação de Heloisa com seu manequim, suas formas, suas roupas, suas dores e suas estratégias para corresponder a expectativas sociais e pessoais acerca do corpo moralmente correto é ilustrativo desse paradoxo da ausência e presença do corpo.

CrITÉrios, medidas e limites, porém, variam e são relacionais. Como observou Fischler (1995:78) ao discorrer sobre a obesidade:

No tempo em que os ricos eram gordos, uma rotundidade razoável era muito bem vista. Ela era associada à saúde, à prosperidade, à respeitabilidade plausível, mas também ao capricho satisfeito. Dizia-se de um homem gordinho que ele era “bem feito”, enquanto que a magreza não sugeria mais do que a doença (o definhamento), a maldade ou a ambição desenfreada.

Nem precisamos partir de corpos classificados como obesos, tampouco apenas dos hoje depreciados pelo adjetivo “velho”. Podemos recuperar os tamanhos das manequins que desfilavam em 1971 para Rui, em Porto Alegre: elas vestiam numeração 40 e 42. “Tinham medidas de gente ‘normal’”, comentou o estilista numa de nossas conversas, em 2013. Hoje, modelos “normais” cruzam a passarela com medidas inferiores a 38. Manequim 40, atualmente, é inadequado, a não ser em desfile de moda *plus size*. Portanto, pensar a moda – ou o que colocamos sobre o corpo – e o corpo de forma articulada pode enriquecer este debate. A moda muda roupas e corpos.

REFERÊNCIAS

Bourdieu, P. (2008). *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS, Zouk.

Csordas, T. (2008). A corporeidade como um paradigma para a antropologia. In: Csordas, T. *Corpo/significado/cura*. Porto Alegre: Editora UFRGS, pp. 99-146.

- Douglas, M. (1978). Los dos cuerpos. In: Douglas, M. *Símbolos naturales: exploraciones en cosmología*. Madrid: Alizanza, pp. 89-107.
- Fischler, C. (1995). Obeso benigno, obeso maligno. In: Sant'Anna, D.B. (Org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, pp. 69-80.
- Gasparotto, P. R. (2011 jun. 23). Disponível em <www.pampa.com.br/osul/Colunistas/Gasparotto/20110623/GASPAROTTO.PDF>. Acesso em: 12 fev. 2015.
- Goldenberg, M. (2011). Corpo, envelhecimento e felicidade na cultura brasileira. *Contemporânea*, ed. 18, 9(2):77-85.
- Goldenberg, M. (2007). *O corpo como capital*. São Paulo: Estação das Letras e Cores.
- Hay, A. C. (2010). Suffering in a Productive world: chronic illness, visibility, and the space beyond agency. *American Ethnologist*, 37(2):259-274.
- Hernández Alfonso, J. L.; Pollini, D. (2012). *Moda no Brasil: criadores contemporâneos e memórias*. São Paulo: FAAP.
- Kopytoff, I. (2008). A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: Appadurai, A. (org.). *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói, RJ: Eduff, p. 89-142.
- Mauss, M. (2003). As técnicas do corpo. In: Mauss, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 399-422.
- Moraes, A. (2011). O corpo no tempo: velhos e envelhecimento. In: Del Priori, M.; Amantino, M. *História do corpo no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 427-452.
- Rochedo, A. L. (2015). *Do croqui à academia: a biografia cultural de um vestido*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Scheper-Hughes, Nancy; Lock, Margaret M. (1987, mar). The Mindful Body: a prolegomenon to future work in medical anthropology. *Medical Anthropology Quarterly*, New Series, 1(1):6-41.
- Stallybrass, P. (2012). *O casaco de Marx: roupas, memória, dor*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Strathern, M. (1999). Pre-Figured Features. In: Strathern, M. *Property, substance and effect: anthropological essays on persons and things*. Londres: New Brunswick, NJ: The Athlone Press, 29-44.